

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Secretaria-Geral

DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE INFORMAÇÃO, DOCUMENTAÇÃO E RELAÇÕES PÚBLICAS

DIVISÃO DE INFORMAÇÃO

Publicação O Dia Periodicidade D
Dia 9.10.79 Pág.(s) 12 Tendência política _____

Populismo em Peniche

Primeiro-Ministro lisonjeada mete "os pés na lama"

Des
7/10
P12

Completados mais de sessenta dias do seu Governo de 100 dias, Maria de Lurdes Pintassilgo já demonstrou amplamente cultivar duas características da sua personalidade, bem salientes: um orgulho desmedido e um populismo fácil. Exemplos claros da sua propensão para dar mostras exuberantes de um e outro foram a sua entrevista ao "Portugal Hoje", do PS, e a visita de trabalho a Peniche. Em vez de lhes opor a humildade e a simplicidade que a "sua" Igreja tanto recomenda, a primeiro-ministro optou por um estilo que permanente põe em destaque aquelas características.

Na sua entrevista ao novo diário — que a julgar pelos critérios da própria "Acção Socialista" para classificação da Imprensa, se deve incluir nos "indefinidos" — não perde uma oportunidade de fazer a sua auto-promoção, linha sim, linha não, aproveitando também para atacar "certos jornais", que não especificou. Só faltou chamar pasquins a esses órgãos de comunicação que tanto a preocupam, embora com a coragem de os nomear pelo seu nome, como — reconheça-se — teve um dos seus antecessores mais controversos.

Aliás, registre-se que a primeira excepção, e quem sabe se a última em relação aos diários, contemplou o "Portugal Hoje" e não outro jornal, por parte de quem preferira em primeiríssimo lugar o contacto com a informação estrangeira, em segundo — não se sabe bem porquê — os semanários, e em ter-

ceiro, na bicha até agora, os diários. Destes o primeiro a que falou, certamente por acaso conotado com o Partido Socialista, respigue-se uma que outra passagem do afã propagandístico da sua pessoa por parte de Maria de Lurdes Pintassilgo.

Disse, por exemplo, que constatou ter sido o seu discurso na ONU "recebido de maneira positiva e calorosa por parte dos diversos representantes dos países africanos de expressão portuguesa". Mas o próprio Kurt Waldheim não terá afirmado que "as Nações Unidas terão em conta as posições claras de Portugal quanto à evolução da organização". Ainda mais: "Já no nosso País alguns representantes estrangeiros me falaram do meu discurso em termos positivos e do impacto das ideias por mim defendidas em certos países, entre os quais o seu próprio país".

Noutro passo desse eloquente depoimento, a primeiro-ministro compara-se então ao Papa João Paulo II,

afirmando ao entrevistador — o deputado socialista João Gomes e director do jornal — que "várias pessoas me referiram (com o que aliás me senti lisonjeada) os aspectos e tónicas comuns ao discurso do Papa e às palavras que eu própria proferi perante os delegados das Nações Unidas", os quais passa a citar.

A terminar, Maria de Lurdes Pintassilgo revelou modestamente as declarações de um dos responsáveis de um jantar oferecido pela Câmara de Comércio Luso Americano, responsável que dissera que "com a que encontro eu havia feito mais do plano das relações económicas entre os dois países do que através de longas e morosas negociações". Antes, explica que explicou às pessoas presentes no repasto, que o gigantismo do actual estado português se deve à pesada herança, mas que não havia motivos para "receios ou alarmes por parte dos empresários de pendor mais liberal".

No que diz respeito à sua visita a Peniche, além das

declarações já habituais de que nada pode fazer, a primeiro-ministro também lembrou nas imagens transmitidas pela televisão um outro "encontro com o povo", há menos tempo do que se julga, em Almada. Mais inculto do que Maria de Lurdes Pintassilgo, o seu antecessor da altura não lhe ficava contudo atrás em populismo. Talvez seja, de resto, um mal irremediável dos que se julgam na vanguarda.

Mal se compreendem estas "cruzadas" se não for precisamente esse desejo incoerente de promoção, pessoal, uma vez que é a própria primeiro-ministro que depois fala no horizonte temporal do seu Governo, na falta de políticas definidas, na impossibilidade de fazer promessas. Provocando reuniões "mazoquistas" de levantamento dos principais problemas, estas visitas terão talvez uma única utilidade pessoal: conhecer o País que tanto tem demonstrado desconhecer. "Metendo os pés na lama", em cuidadosamente desceve um matutino nortenho.